

Estetoscópio já era?

EDUARDO KELLER SAADI*

Novas tecnologias utilizando dispositivos médicos de acesso remoto estão revolucionando a prática médica. A chamada medicina “wireless” está crescendo rapidamente, permitindo diagnóstico, tratamento e acompanhamento de várias doenças à distância.

É difícil compreender como uma intervenção ou cirurgia, que necessitam de habilidade manual e experiência do cirurgião ao lado do paciente, podem ser beneficiadas com a separação física. Robô com controle remoto pode auxiliar a operar até coração sem a presença da equipe médica no centro cirúrgico.

Por outro lado, o diagnóstico e o acompanhamento distantes são facilitados pelos marcadores de gravidade, que podem ser transmitidos ao especialista, independentemente da hora e da posição geográfica em que o paciente e o médico se encontram. Esses controladores, em vigília permanente, mandam avisos e podem prevenir problemas. Eles antecipam anormalidades a tempo de modificar condutas, evitar hospitalizações e mesmo a morte. Dispositivos implantáveis como marcapassos e desfibriladores podem ser monitorados de longe, desde que o local onde o paciente se encontre disponha de rede de internet sem fio ou sinal de telefonia celular. Alterações nos batimentos cardíacos, que representam sinal de alerta para um evento mais grave, são automaticamente detectadas e enviadas ao médico por internet e/ou telefone celular. Sinal de telefonia móvel, hoje, não é problema em lugar nenhum do mundo, já que o número desses aparelhos se aproxima de 5 bilhões.

Equipamento de ecografia portátil, do tamanho de um telefone celular, permite ao médico enxergar estruturas dentro do corpo, onde o paciente estiver e a qualquer hora. O próprio doente pode captar estas imagens e enviar a quem o trata.

Mas será que o estetoscópio, inventado em 1816, ferramenta clássica de diagnóstico médico e símbolo da profissão, será deixado de lado?

Ao invés de jogar fora o estetoscópio, o doutor pode optar por adquirir um exemplar mais moderno, na versão digital. Eles permitem capturar os sons do coração e pulmões e, depois, reproduzi-los. Os sons também podem ser transmitidos via “Bluetooth” para um computador, onde alguns “softwares” ajudam a classificar sopros suspeitos, auxiliando no diagnóstico de cardiopatias, assim como é possível a análise juntamente com outros colegas.

É evidente que a medicina à distância pode e deve ser utilizada em situações específicas, quando não se fizer necessário ou não for possível o contato direto do médico com o doente, através da conversa olho no olho ou da palpação.

O avanço tecnológico tem sido fantástico nos últimos anos em todas as áreas e não há como deixar de incorporá-lo à medicina em benefício dos pacientes. Porém, nunca se pode deixar de lado a importância do tratamento personalizado e a relação médico-paciente.